

Vol 4 Issue 9 June 2015

ISSN No : 2249-894X

---

*Monthly Multidisciplinary  
Research Journal*

*Review Of  
Research Journal*

---

Chief Editors

---

**Ashok Yakkaldevi**  
A R Burla College, India

**Flávio de São Pedro Filho**  
Federal University of Rondonia, Brazil

**Ecaterina Patrascu**  
Spiru Haret University, Bucharest

**Kamani Perera**  
Regional Centre For Strategic Studies,  
Sri Lanka

---

## Welcome to Review Of Research

**RNI MAHMUL/2011/38595**

**ISSN No.2249-894X**

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

### *Advisory Board*

Flávio de São Pedro Filho Federal University of Rondonia, Brazil	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinte Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [ M.S. ]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMARALAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V.MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S.KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept.English, Government Postgraduate College , solan

More.....

A VISION BY OTHER EYES ABOUT THE AMAZONIA  
(UM OLHAR PELO OUTRO SOBRE A AMAZÔNIA)



Tatiana Silva Lopes

Secretária Executiva, Professora do IFRR, Mestranda no Programa Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM, bolsista CAPES.

Short Profile

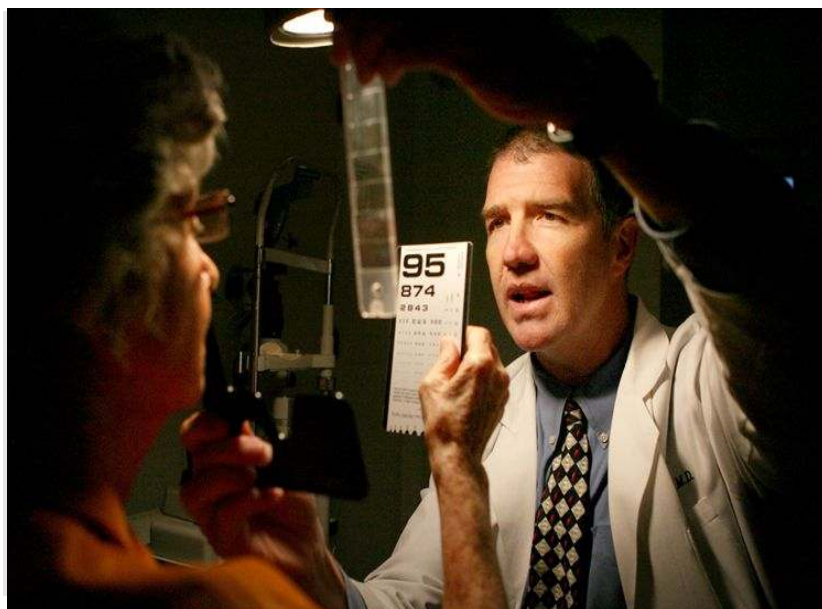
Tatiana Silva Lopes is Master degree student in Society and Culture in Amazonia by Federal University of Amazonas (Brazil). She's had graduate degree in Executive Secretariat by UniãoPioneira de Integração Social (Brazil); Iatusensu in Management of Human Resources by Federal University of Roraima (Brazil).

Co - Author Details :

Cícero Thiago Monteiro Dantas dos Reis<sup>2</sup> and Jakson Hansen Marques<sup>3</sup>

<sup>2</sup>Economista, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM, bolsista CAPES.

<sup>3</sup>Historiador, Professor, Mestre em Antropologia Social – UFPR, Doutorando no Programa Sociedade e Cultura na Amazônia – UFAM.



**ABSTRACT:**

This article aims to demonstrate the construction of the Amazon through their social and economic formation, featuring past and present as the process of construction of Brazilian history has a margin of development this territory. This study will be presented in three stages. At first, titled Ideology Amazon's approach is given about the Amazon has been seen and recognized by those who are not inserted in it and how did this process. Soon after, the presentation of what the Amazon

these days and its economic importance to Brazil, the findings of this study confirm that only the Amazon importance goes beyond its biodiversity, but is rooted in their economic potentials, which have not been experienced, especially by international influences conjectures.

**KEYWORDS**

*Amazon, social education, economy development.*

Article Indexed in :

DOAJ  
BASE

Google Scholar  
EBSCO

DRJI  
Open J-Gate

## RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a construção da Amazônia por meio de sua formação social e econômica, apresentando no passado e no presente como o processo de construção da história brasileira tem deixado a margem do desenvolvimento este território. Este estudo será apresentado em três momentos. No primeiro momento, intitulado A Ideia sobre a Amazônia a abordagem se dá sobre como a mesma tem sido visto e reconhecida por aqueles que não estão inseridos nela e de como se deu esse processo. Logo depois, a apresentação do que seja a Amazônia nos dias de hoje e sua importância econômica para o Brasil, as conclusões desse estudo somente confirmam que a importância amazônica vai além de sua biodiversidade, mas está firmada em suas potencialidades econômicas, que não têm sido vivenciadas, especialmente por influência de conjecturas internacionais.

**Palavras-chave:** Amazônia, formação social, economia, desenvolvimento.

## 1. A Amazônia Inventada

A Amazônia é uma ideia. E como uma ideia, navega nas mentalidades e imaginários daqueles que se propõe singrar por estes mares. Também por ser ideia, sofre com as representações construídas em torno de si. Amazônia selvagem, Amazônia dos seringais, Amazônia da Zona Franca, Amazônia indígena. Ideias, que fundam o imaginário e que colaboram para a construção de discursos sobre esta região, um discurso sobre o outro, que não passa pelo crivo da alteridade, mas sim pelo crivo de um etnocentrismo arraigado em uma visão de mundo que não consegue enxergar nuances, variações, diversidades.

Gondim em sua obra "A invenção da Amazônia" (2007), relata que a Amazônia não foi descoberta, nem tão pouco construída, ela é uma invenção, fabricada a partir da Índia, pelos relatos dos peregrinos, da historiografia greco-romana e de uma mitologia que apavorava os homens do medievo. Com tais representações incrustadas em seus imaginários, estes homens lançam-se ao mar em busca do Novo Mundo, do El dourado da Terra Prometida.

Séculos se passarem a ideia do exótico ainda permanece como eixo norteador do pensamento social sobre a Amazônia. Pinto (2005) comenta:

[...] Nessa perspectiva, queremos sugerir que o processo de formação do pensamento que construiu a Amazônia como um espaço natural e cultural vem, ao longo dos últimos cinco séculos, produzindo e continuamente reinventando, a partir de um conjunto relativamente limitado de idéias, as percepções que se tornaram as mais persistentes, dentro certamente do quadro mais amplo e diversificado da geografia do Novo Mundo.

E quais são essas percepções? A ideia do bom selvagem de Jean Jacques Rousseau, diz que esse é um lugar onde só existem "tribos indígenas" e a ideia do ribeirinho, naquilo que Pinto (2005) chama de um novo romantismo social que é elaborado a partir de um olhar "sobre" a Amazônia e não um olhar da Amazônia como denuncia Marcio Souza em Expressão Amazonense (2010) quando percebe a participação cada vez menor dos nativos na construção de uma intelligentsia. Souza (2010) denuncia a

sociedade amazonense como uma sociedade antropofágica que devora seus intelectuais, pois carrega em si uma inabilidade para a reflexão acadêmica, e assim como Cronos na mitologia grega, devora seus filhos ilustres para não ser destronado por eles.

Essas percepções carregam uma agenda de novos sentidos comuns sustentada pelas noções de meio ambiente, biodiversidade, sociodiversidade, desenvolvimento sustentável, tais noções carregam um imobilismo social e um conservadorismo romântico, quando se pensa o destino das populações locais. Essas novas “epistemes” guardam relação com a incorporação do Novo Mundo nos quadros de referência dos novos campos do pensar.

Essa ideia de imobilismo social, deita raízes em uma construção dicotômica que opõe civilizado e primitivo, modernidade e tradição, eis uma visão de pensamento político consolidada a partir de uma visão eurocêntrica, visto que a Europa percebe neste processo os países americanos como prolongamento do velho mundo. Isso remete a construções metodológicas ideológicas do Evolucionismo Social de Tylor, Morgan e Frazer.

O nativo amazônida segundo essa ideologia é lento, “preguiçoso”, fleumático. A sociedade como um todo parou no tempo, viveu um certo desenvolvimento até o final do século XIX e estagnou segundo Souza (2010) com a anexação da Amazônia pela colônia chamada Brasil.

No Grão-Para e Rio Negro, a economia era fundada na produção manufaturada, a partir das transformações do látex. Era uma indústria florescente, produzindo, objetos de fama mundial, como sapatos e galochas, capas impermeáveis, molas e instrumentos cirúrgicos, destinados à exportação ou a consumo interno. Baseava-se também na indústria naval e numa agricultura de pequenos proprietários. (Souza, 2010; p.10)

Souza (2010) Apontaque, alguns problemas de cunho ideológico-econômico começaram a aparecer com a anexação,. As elites do Grão-Para não eram bem vistas, os intelectuais de Belém eram íntimos aos ideais da Revolução Francesa. *“Por essas experiências concretas, as elites do Grão-Para eram diferentes, mas o pior é que entendiam que a via república era mais adaptada à América que a um regime monárquico”*. Tais questões provocaram uma severa convulsão na sociedade o que vai gerar uma grande repressão. Tal repressão dá resultado: A Amazônia perde 40% de seus habitantes, e todos os focos existentes de modernidade se esvaem.

Com a anexação o diálogo entre o Império e as oligarquias locais não é mais possível. A ideia de sociedade passa ser exercida pelo viés do Império luso-brasileiro, o qual Souza (2007) destaca que apesar de, aos olhos externos, o Brasil ser visto como um país emotivo, irracional, “samba, futebol e carnaval”, a empresa portuguesa era extremamente organizada e planejada e prestava atenção nos detalhes. Segundo o autor o português tinha uma mentalidade não tão pautada em mitologias e histórias fantásticas, como o era o espanhol. A burguesia mercantilista portuguesa foi uma das primeiras a financiar as empreitadas marítimas em busca de novas riquezas e uniu-se a Coroa para tal intento. A Igreja vai junto para levar a boa nova ao silvícola, que se não fosse o beneplácito da Santa Sé morreria pagão sem usufruir das benesses do paraíso.

Souza (2010) discute sobre os conceitos de representação, mas é claro funda-se em uma historiografia, para contrapor os imaginários espanhóis e português quando da colonização do Novo Mundo. Sergio Buarque de Holanda em sua obra clássica “Raízes do Brasil” (1995) elabora uma discussão bastante interessante sobre o processo de colonização contrapondo essas duas empresas a espanhola e a portuguesa. Pautado em uma sociologia weberiana, pensa esse processo a partir da tipologia, mas não apenas pensando em dicotomias mas sim em tipos que são construídos

historicamente em uma relação. É assim que Sergio Buarque discute em um dos seus capítulos as figuras do ladrilhador e do sementeiro.

Para Buarque (1995) o ladrilhador seria a figura do espanhol que constrói as cidades, as ruas moldando a natureza, não se adaptando a ela, mas adaptando a natureza. Elabora linhas retas, geometricamente perfeitas. Já o sementeiro é o português que se adapta a natureza, as curvas dos morros e montanhas, molda sua engenharia ao que a natureza lhe oferece.

É esse Império que vai dar as cartas nesta parte mais setentrional do Brasil, nesta Amazônia que fará fronteira com todo um subcontinente que fala francês, holandês, espanhol.

Nadia Farage em "As muralhas dos Sertões" (1991) comenta que no século XVIII Portugal e Holanda disputavam entre si os índios da Bacia do Rio Branco. Nessa região Portugal fez de seus aliados indígenas sua fronteira viva, suas muralhas dos sertões. Mas engana-se quem pensa que os indígenas foram apenas usados pelos portugueses. Em uma relação de reciprocidade, os índios foram usados e usaram as potências europeias em disputa, portugueses e holandeses foram inseridos nas redes de alianças, guerras e comércios dos povos do Rio Branco, em troca defenderam as fronteiras do Império contra a invasão holandesa.

A fronteira na Amazônia foi mantida na base de conflitos, negociações e tragédias para manter o processo de integração desta região ao restante do Brasil. Posto o processo de integração territorial, passa-se ao processo de integração econômica, sem respeitar a história e tradições locais. Como exemplo Souza (2010) relata o processo da criação de gado na região norte.

Em trabalho de forte cunho etno-histórico, Heloisa Helena Corrêa da Silva discute em seu livro "Expressões da Assistência Social no Médio Juruá – Amazonas" (2012) analisa a política de Assistência Social no Médio Juruá. A reflexão proposta por Silva (2012) permite perceber que o processo de pauperização vivenciado pelos moradores destas localidades, relaciona-se de forma ímpar, com o processo de empobrecimento e esvaziamento pelo qual passou a Amazônia nos últimos dois séculos.

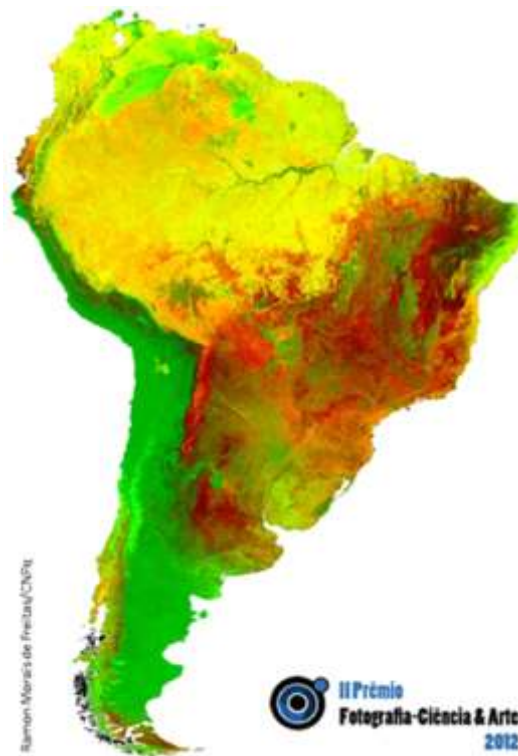
Outra discussão importante a ser feita é a perspectiva monolítica que enxerga a Amazônia como uma coisa só. É preciso pensar em Amazônias, não em Amazônia, pensar de maneira plural, para quebrar o imaginário que percebe a Amazônia como um espaço vazio e monolítico.

É preciso um pensamento social da Amazônia, na Amazônia. Um pensamento que perceba as nuances, a diversidade, as relações, a interculturalidade, o múltiplo. Colocar em conflito uma Amazônia que é reinventada pelo Brasil e que propõe sua própria imagem. Uma imagem essencialmente fundada na representação da existência única de tribos indígenas, enquanto existe uma diversidade de povos, gentes, cidades e *"uma população que teceu laços estreitos com a Europa desde o século XIX"* (Souza, 2010; 13).

## 2. O OLHAR PRESENTE SOBRE O AMAZONAS

Segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Amazonas conta atualmente com 98% da sua cobertura vegetal preservada e possui um dos maiores mananciais de água doce do mundo, que percorre seu vasto território, com área aproximada de 1,5 bilhão km<sup>2</sup>, configurando como uma das maiores áreas territoriais do mundo o que contrasta com sua baixa densidade demográfica de 2,23 habitantes por km<sup>2</sup>, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), superior apenas ao estado de Roraima que conta com uma densidade demográfica de 2,01 de habitantes por km<sup>2</sup>. Esse fato se confirma na imagem abaixo:





“A imagem permite identificar os vários biomas. As tonalidades de amarelo representam áreas com cobertura vegetal densa e pouca variação sazonal da vegetação, como a floresta amazônica. Em verde são as áreas com contraste na vegetação ou sem cobertura vegetal. Regiões com tons de vermelho representam grande mudança na vegetação em curtos períodos de tempo, como áreas agrícolas”

O processo de integração da Amazônia ao território brasileiro é uma realidade buscada ainda no século XXI, e tem sido ainda mais vivenciado com a globalização, sendo que esse território foi inserido nas relações capitalistas internacionais desde o século XVI. Hoje essa necessidade de integração se dá pela necessidade de reconhecimento econômico.

Nenhuma instituição internacional, nenhum país do globo ou pessoa instruída pode negar o potencial econômico da região amazônica, em especial do território do estado do Amazonas. Em um primeiro momento suas atividades econômicas concentravam-se no extrativismo vegetal, pecuária e teve destaque em âmbito nacional e internacional com o Ciclo da Borracha. A mudança de sua vocação econômica se dá a partir 1967 com a criação do Polo Industrial de Manaus baseada na atividade industrial.

Com a criação do Polo Industrial surgiu a Zona Franca de Manaus (ZFA) pelo Decreto-Lei nº 288, de 1967, percebeu-se claramente as mudanças sociais e econômicas geradas pelas atividades industriais, os incentivos fiscais proporcionados pela ZFA geram emprego e renda.

[Ferreira \(2003 p.36\) evidencia os objetivos da criação da ZFA:](#)

Que, na intenção de combater as desigualdades regionais, o isolamento geográfico (com

inúmeras dificuldades de acesso), econômico (distância muito grande dos principais centros consumidores) e os intermináveis problemas com o meio ambiente, o governo federal sempre procurou consolidar uma área de atração de empresas, com um compromisso mais sério com a sociedade e natureza existentes.

Há um estigma sobre o processo de desenvolvimento da Amazônia, não são considerados os fatos de a mesma ser detentora de uma imensidão de recursos naturais e de “espaços vazios” que podem ser explorados em sua importância geográfica, biológica, entre outros. Nesse contexto há ainda de se considerar as fronteiras com Colômbia, Venezuela e Peru e suas importâncias para o desenvolvimento do país.

[Esse fato se confirma em Silva \(2000 p. 166-167\):](#)

Na óptica de que a Amazônia ficou mais importante no equilíbrio natural do planeta surgem novas possibilidades de articulação entre a região e a economia mundial e, assim, mesclam-se informações científicas com observações do senso comum: a Amazônia possui a “solução” para os mais graves problemas da humanidade e da geração de riquezas, “possuímos 54% da reserva de oxigênio natural do mundo” para resolver problemas de poluição mundial, o da fome, por conter o maior volume de terras inexploradas; o da borracha natural, que dentro de três décadas será mais consumida e cobiçada que o petróleo, um recurso não renovável, ao contrário dos seringais de cultivo; a bacia hídrica do Rio Negro possui a água mais potável do mundo, de forma que “a disputa pelos mananciais hídricos” é outro problema mundial a ser convertido em negócio para a Amazônia.

Entre os anos de 1970 a 1990 houve, por parte do governo brasileiro, grande incentivo para o desenvolvimento da região amazônica, a concepção de vários planos e suas execuções, que buscavam um equilíbrio para o crescimento econômico do país, objetivando especialmente o processo de integração e ocupação. Nesse processo ocorre a tentativa de povoamento dos espaços vazios.

(Sacramento; Costa s/a p.7)O processo migratório que envolve a chegada de brasileiros provenientes de outras regiões para a Amazônia não é recente, reportando os primeiros fluxos ao período da borracha, primeira e segunda fase, num terceiro momento surge o período referente ao programa do Governo Federal entorno dos “Grandes Projetos” com a abertura de estradas, construção de hidrelétricas, projetos agropecuários e exploração de minério. É nesse mesmo período que surge o projeto Zona Franca de Manaus, que também será um grande atrativo de populações para a capital manauara, entretanto esses fluxos migratórios são constituídos por pessoas oriundas tanto do interior do estado (naturais), quanto de outros estados brasileiros (não naturais).

Esse processo migratório ocorreu de forma intensa, o estado do Amazonas não estava preparado para esse intenso fluxo, uma inadequada infraestrutura urbana, problemas nos setores de educação e saúde, considerando ainda que os serviços de tratamento de água, coleta de lixo e esgoto atendiam a uma pequena população, os problemas advindos à cidade de Manaus cresciam e os índices relacionados à saúde pública só pioravam. Esses problemas refletiam-se nos indicadores sociais de saúde, educação e trabalho e mesmo nos dias de hoje não são apresentados positivamente.

[Esse fato é questionável considerando a fala de Silva, 2012 p.147](#)

O Estado do Amazonas é um dos três Estados da federação com déficit público zero. Razão pela



qual, torna-se imprescindível voltar-se para a qualidade de vida das populações interioranas; principalmente porque, a capital Manaus, tem os incentivos da Zona Franca.

Em matéria apresentada no Jornal a Crítica do dia 3 de dezembro de 2012, Manaus e as cidades interioranas do estado do Amazonas foram consideradas as com menor desenvolvimento do Brasil, segundo pesquisa da Federação das indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). O índice Firjan de desenvolvimento municipal classifica as capitais de acordo com três variáveis estatísticas disponibilizadas pelos ministérios da Educação, Trabalho e Saúde, levando em consideração indicadores de nível de emprego, renda, saúde e educação, os dados analisados são de 2010.

O índice de classificação varia de 0 a 1, quanto mais próximo de 1, melhor a posição no ranking. Educação apresentou índice de 0,6773, Saúde ficou com 0,7187 e Emprego e Renda ficou com 0,7170. Na média a cidade de Manaus ficou na ultima posição com 0,7043 entre as 26 capitais do país.

Veja a lista com a posição de cada capital e a variação entre 2009 e 2010.				
1º	Curitiba	PR	0,902	3,40%
2º	São Paulo	SP	0,897	0,40%
3º	Vitória	ES	0,893	1,00%
4º	Belo Horizonte	MG	0,876	2,70%
5º	Florianópolis	SC	0,874	0,70%
6º	Palmas	TO	0,864	1,80%
7º	Goiânia	GO	0,861	2,00%
8º	Campo Grande	MS	0,858	-0,40%
9º	Rio de Janeiro	RJ	0,85	0,70%
10º	Porto Alegre	RS	0,833	2,80%
11º	Cuiabá	MT	0,829	3,30%
12º	Recife	PE	0,826	2,10%
13º	Teresina	PI	0,818	-2,30%
14º	Natal	RN	0,816	1,80%
15º	Porto Velho	RO	0,807	1,30%
16º	João Pessoa	PB	0,799	1,60%
17º	Aracaju	SE	0,798	0,70%
18º	Fortaleza	CE	0,788	0,50%
19º	Belém	PA	0,786	2,50%
20º	São Luís	MA	0,783	4,30%
21º	Salvador	BA	0,77	0,80%
22º	Rio Branco	AC	0,769	8,20%
23º	Boa Vista	RR	0,769	0,80%
24º	Maceió	AL	0,745	-2,00%
25º	Macapá	AP	0,719	2,90%
26º	Manaus	AM	0,704	3,60%

Fonte: FIRJAM (2010).

Quanto ao índice de educação que considera taxa de matrícula e abandono na educação infantil e o índice de saúde que consideram número de consultas pré-natal e óbitos, não há questionamentos, uma vez que são dados preocupantes na maioria dos estados brasileiros; embora a prefeitura de Manaus (em matéria do dia 4 de dezembro de 2012) afirme que os dados colhidos em 2010 não refletem a realidade da cidade, mas, quanto aos índices de Trabalho que analisa os indicadores de renda e emprego formal, algumas considerações devem ser feitas e analisadas.

O indicador de renda é a medida do poder de compra da população, sua principal preocupação é identificar o nível de desenvolvimento de um determinado grupo através do acesso às necessidades básicas de alimentação, vestuário e moradia, em suma, procura demonstrar o quão pobre é uma região em detrimento de outra considerada desenvolvida.

Para o Banco Mundial, o indivíduo que vive com menos de 1 dólar por dia, está classificado na zona de pobreza extrema, fato que coloca mais de 1 bilhão da população mundial nessa faixa.

O Brasil é conhecido como um país heterogêneo, de várias culturas, caracterizado como um agrupamento de vários "Brasis", sendo assim traz consigo a complexidade social e econômica que resulta em diferentes formas de situação de pobreza em relação ao nível de renda.

Ao que se apresenta, e considerando o desenvolvimento regional, questiona-se como são deduzidos os índices de renda que estigmatizam a região do estado do Amazonas como menos desenvolvido no Brasil.

Focando no critério de obtenção de alimentos, a preocupação com o nível de renda apresentado na pesquisa justifica-se principalmente com a maior proporção de dispêndio dos pobres em relação à alimentação. Mas, um fato importante e considerável é a proximidade das populações do interior do estado do Amazonas com o rio e logo o acesso a alimentação baseado em peixes, possibilita seu sustento com menos até que 1 real por dia para sobreviver.

Embora os preços dos alimentos no estado do Amazonas configurem-se entre os mais caros do país, o que matematicamente comprometeria de forma significativa a participação do critério alimentação em relação à renda dos habitantes, a ligação com seu ambiente natural para obtenção de alimentos é uma variável importante para a reflexão sobre a pobreza considerada extrema da população do interior do estado em questão.

Isso se confirma na fala de Corrêa da Silva (2012 p. 147)

Esse padrão de relação com o ambiente natural facilitava a alimentação, o suprimento proteico, alternativas próprias e relativamente elaboradas de atendimento à saúde, envolvendo parteiras, cursos naturais com ervas, rezadeiras e variedades de plantas medicinais usadas a partir do conhecimento popular e tradicional.

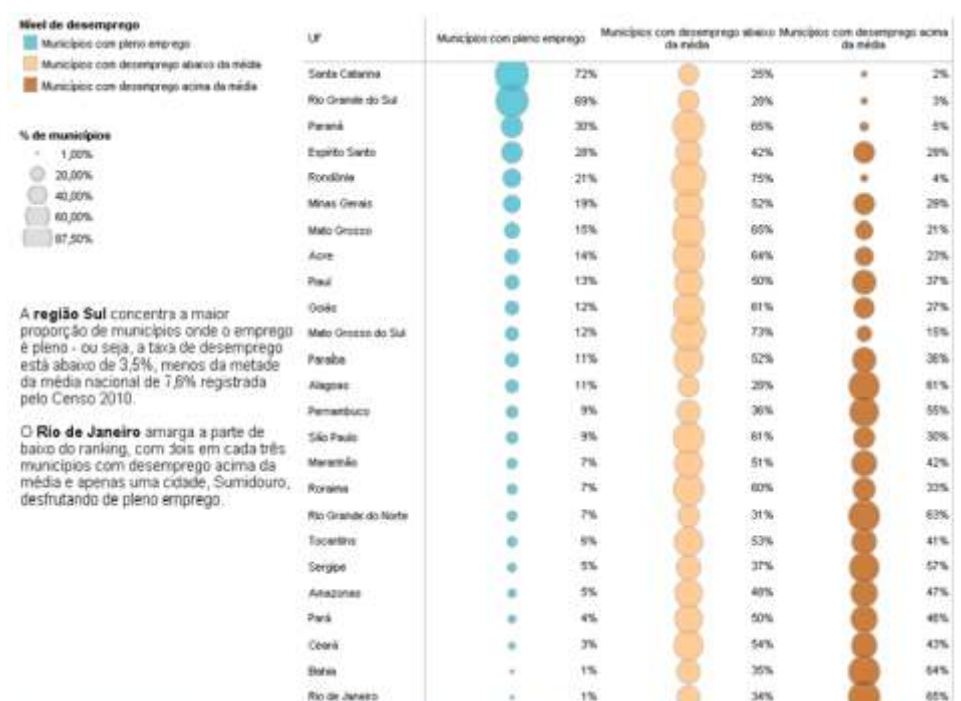
Outra crítica que deve ser levada em consideração se dá ao fato que a metodologia que analisa os padrões de renda utilizada pelas Nações Unidas para o desenvolvimento, utiliza índices aplicados primeiramente a países desenvolvidos e esses são apenas adaptados a outras realidades regionais; a de se considerar também que o Amazonas não reúne dados suficientes para se enquadrar na metodologia. É sabido que os dados levantados por órgãos como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento-PNUD, a Organização das Nações Unidas ou no caso a própria Firjan são de suma importância, uma vez que ao identificar os focos de necessidade pública, orientam a política social e econômica da federação, estados e municípios. Em contra partida os dados levantados e ordenados em

ranking contribuem ainda mais para o processo de marginalização histórica a que esse pedaço de Brasil chamado Amazônia é vítima desde os primórdios de seu período de colonização.

A divulgação desses dados cerceia o interesse de investimentos no Amazonas, por trás dessas informações escondem-se interesses que não buscam o desenvolvimento da região do Amazonas por cota da competitividade das indústrias do sudeste que questionam no congresso o prolongamento dos incentivos fiscais dados à região.

As informações, de suma importância para a orientação de políticas públicas são apropriadas pelos meios de comunicação de todo o país que no círculo vicioso do vender através do chocar, marginalizam não apenas o estado do Amazonas, mas toda região Norte. Daí se explica porque não existem reportagens em horários nobres da televisão brasileira para mostrar o desenvolvimento da região Amazônica. O porquê desses meios significativos de comunicação nacional, não demonstram as políticas de desenvolvimento sustentável para preservação da maior floresta tropical do mundo, uma vez que no estado do Amazonas apenas 2% da área da floresta está desmatada.

Quanto a variável de formação de emprego na pesquisa da FIRJAM, que novamente coloca o estado do Amazonas como um dos piores índices do país, o que repercutiu diretamente nas mídias nacionais a uma contra posição de outro órgão de pesquisa de desemprego no Brasil, o Globo Economia que utilizando dados do censo de 2010 demonstra que na análise em relação ao desemprego por estado, o estado do Rio de Janeiro possui dois em cada três municípios com desemprego acima da média e apenas uma cidade, Sumidouro-RJ, desfrutando de alta taxa de empregabilidade, dado que coloca nesse formato de ranking, o Rio de Janeiro abaixo do Amazonas, sem causar nenhuma comoção ou sensacionalismo por parte das grandes mídias nacionais.



Fonte: O Globo economia (2010)

Discutir o desemprego no estado do Amazonas coincide em discutir o mesmo conceito para

toda a região amazônica, uma vez que dentre as condições estruturais da causa da ociosidade produtiva, verificamos o componente político federativo como principal agente produtor do índice. Não é de se estranhar, como uma região coberta pela densa floresta amazônica, obtenha um sub aproveitamento de extração de suas riquezas naturais, tornando-se dependente apenas do setor industrial e de serviços?

A resposta para a fabricação política do desemprego e conseqüentemente da pobreza pode ser encontrada na exaltação dos valores biológicos e nos mitos que sustentam a política de preservação da floresta, medida que alija o povo amazônico de seus recursos para sobrevivência e desenvolvimento social e econômico, ignorando empreendimentos locais de extração de recursos mesmo que de forma sustentável, tudo em nome da salvação da humanidade.

A verdade é que se confundem mitos e realidades, falácias e meias verdades, utopias e falsas vivências. Profecia e fatos discutidos, em nível teórico, acadêmico ou ideológico. Muitas vezes de modo superficial, preconcebido, com um único propósito: manter a região intacta e virgem porque os seus dons e os seus frágeis ecossistemas não resistem à ação antrópica e, portanto, devem ser preservados em benefício da humanidade. Não se analisam nem se respeita o esforço considerável que se vem fazendo na Amazônia para torna-la mais humana e social, através de tantos empreendimentos economicamente viáveis e ecologicamente auto sustentáveis. Não bastasse a nossa Constituição já ter consagrado a Amazônia como patrimônio nacional, a comunidade internacional a quer converter, agora em patrimônio da humanidade. (Benchimol, 1992, p.104)

O território Amazônico por conta da sua política preservacionista que conseqüentemente restringe seu próprio desenvolvimento é constantemente denunciado através de pesquisas de qualidade de vida com parâmetros ditos "civilizados" e resultados duvidosos. Assim arca com os custos sociais da escolha política e pesquisas de exploração de tecnologia para o manejo autossustentado da floresta, sem que nenhum organismo internacional ou outra federação de indústrias, fabrique e transfira tal tecnologia que não favoreça apenas seu estado.

Por trás das notícias veiculadas por outros estados brasileiros e principalmente por organismos internacionais, que mapeiam a devastação florestal no Brasil, e em especial na Amazônia, esconde-se o discurso preservacionista de que já foram poluídos muitas terras, e rios, de que os recursos estão sendo exauridos, sendo esse o motivo maior da preservação da Amazônia. Para quê, para que ela possa ser explorada no futuro em favor de outros povos que não sejam os brasileiros?

Essa política aplicada indiscriminada e radicalmente na área amazônica, como foi feita, inscreve-se dentro do quadro de que já chamei de Planetarização da Amazônia, que a coloca não a serviço dos que nela vivem, mas caudatária dos interesses universais, para preservar o oxigênio, a água, o clima, o ecossistema e a vida, como se nós sozinhos tivéssemos que arcar com as responsabilidades e o ônus da sobrevivência terrestre. (Benchimol, 2010, p.853)

Observar a pobreza amazônica pelo ângulo da exploração de seus recursos naturais pelo ditame ecológico nos coloca outra grande questão: Dada a existência de um comércio dinâmico, tanto global como local, de produtos sintéticos, substitutos diretos de produtos naturais, cuja as grande companhias que os comercializam usufruem de poder oligopolista de mercado e conseqüentemente grande poder de influência sobre a administração governamental, não seria uma força junto ao lobby preservacionista, uma vez que os produtos extraídos naturalmente da floresta são potenciais concorrentes de mercado?

A heterogeneidade da floresta e a dispersão das espécies tornam proibitivos os custos de extração,

sobretudo quando surgem em outros mercados produtos sintéticos substitutivos. (Benchimol, 1992, p.108)

Cabe perguntarmos, porque a cada denúncia dos padrões de vida desse grande pedaço do Brasil, as respostas não veem impressas com letras garrafais ao lado de seus respectivos números índices. Ao apenas denunciar, negligencia-se não só a história amazônica, mas a história brasileira e demonstra-se a completa ignorância política brasileira no que tange sua defesa e busca de desenvolvimento regional harmonioso entre todos os estados da federação.

As especificidades do estado do Amazonas se expressam nos modos de vida que associam as práticas tradicionais e contemporâneas do mundo capitalista, revelando para o Brasil e para o mundo sua diversidade e carecendo ter suas políticas diferenciadas.

### 3.CONCLUSÃO

O estado do Amazonas, assim como toda região amazônica, é uma construção histórica que denuncia o processo desigual de desenvolvimento intelectual, econômico e social fabricado por escolhas políticas que ao contrário de sua intenção de fomentar o crescimento da região norte do país, aprofundou ainda mais as desigualdades regionais.

Em meio a tantas denúncias sobre o nível de bem-estar dos que aqui vivem, as soluções florescem na percepção de que se torna necessária a exploração dos recursos naturais da floresta de forma harmoniosa a conciliar interesses locais econômicos e a proteção de sua rica biodiversidade. Mas para que a seguinte alternativa não seja escape de ideologia política cuja preservação atende apenas a interesses forasteiros, faz-se necessária a autonomia política e local de decisão sobre o uso dos recursos amazônicos.

### 4.REFERENCIAIS

- 1.BENCHIMOL, Samuel. Guerra na Floresta. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1992.
- 2.BENCHIMOL, Samuel. Amazônia: um pouco-antes e além-depois. Manaus: Ed. UFAM, 2010
- 3.CORRÊA DA SILVA, Silva, Heloisa Helena Corrêa da. Expressões da Assistência Social no Médio Juruá. Manaus: Ed. UFAM, 2012.
- 4.FARAGE, Nádia. As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- 5.FERREIRA, Márcio Alexandre Moreira. O Desenvolvimento do Capitalismo em Manaus. Manaus: Ed.Governo do Estado do Amazonas/ Secretaria de Estado da Cultura/Ed. UFAM, 2003.
- 6.GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2007.
- 7.HOLANDA, Sérgio Buarque. Raizes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- 8.PINTO, Renan Freitas. Viagem das Ideias. Manaus: Editora Valer, 2006.
- 9.SACRAMENTO, Diane Maria Oliveira; Costa, BenhurPinósda. A Questão Agrária e Migrações na Amazônia Brasileira: O Caso do Assentamento Canoas no Município de Presidente Figueiredo/Am, Manaus- AM, UFAM.
- 10.SILVA, Marilene Corrêa da. Metamorfose da Amazônia. Manaus: Ed. UFAM, 2000.
- 11.SOUZA, Márcio. A Expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo. 3ª edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

1refere-se às teorias antropológica de desenvolvimento social segundo as quais acredita-se que as sociedades têm início num estado primitivo e gradualmente tornam-se mais civilizadas com o passar do tempo. Nesse contexto, o primitivo é associado com comportamento animalesco; enquanto civilização é associada com a cultura européia do século XIX.

2. <http://www.inpe.br> acessado em 11/11/2013

3. [http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=3106](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=3106) – 11/10/2012

4. <http://oglobo.com/infograficos/censo-desemprego> acessado em 01/11/2013.



# Publish Research Article

## International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

### Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

### Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal  
258/34 Raviwar Peth Solapur-413005, Maharashtra  
Contact-9595359435  
E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com  
Website : www.ror.isrj.org